

Stella Bezerra e Silva

Amar e mudar as coisas
(Belchior)

O afeto como prática docente

A formação de professores somada às diretrizes escolares, ao currículo, ao espaço escolar, à sala de aula em ação e às relações entre educandos e educadores, são fatores que estão interligados e que influenciam diretamente a perspectiva do ensino-aprendizagem (Sacristán, 2010). Essa discussão se aproxima do chamado currículo real, que seria o que é realmente vivenciado e construído pelo corpo discente e docente na sala de aula (Azevedo e Meirelles, 2023). Nesse contexto, enquanto um grupo, é possível assumir posições, compartilhar experiências, fazer negociações e coproduzir sentidos durante o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o sentido é coletivo e construído nas relações sociais (Spink, 2010).

Para iniciar esse diálogo entre essas relações reais com o campo dos afetos, o pensamento freiriano é essencial. Suas obras indicam a educação como meio para a conscientização e libertação social a partir do estudo crítico que pode ocorrer na sala de aula em ação (Freire, 1968). Para isso, essa pedagogia indica o cuidado e o afeto como base, pois entende que esses componentes fundamentam o diálogo e a escuta ativa, considerados pilares para a libertação. Contudo, a teoria curricular tradicional ainda predomina a prática docente, pois nota-se que os estudantes não são estimulados a pensarem criticamente. Assim, entende-se que essa

característica, quando utilizada majoritariamente ao longo do ano letivo, pode silenciar os sujeitos durante o processo de aprendizagem.

Ademais, a filosofia de Spinoza oferece uma compreensão de como as emoções e os sentimentos influenciam as interações durante o processo de aprendizagem. Para ele, os afetos são forças que podem aumentar ou diminuir a potência de agir dos indivíduos (Leal, 2022). Quando aplicamos esse conceito ao contexto educacional, sugere-se que as experiências afetivas na sala de aula podem ter um impacto significativo na motivação, no engajamento e no processo de coprodução de sentidos.

Dentro desse diálogo sobre afetos a filosofia iorubá discutida pelo filósofo Renato Noguera em seu livro "Porque amamos" também traz contribuições relevantes. Nesse contexto, o afeto é entendido como tudo que nos mobiliza enquanto indivíduos, grupos e sociedade. Por isso, os afetos interferem diretamente na maneira como nos manifestamos no mundo e nos relacionamos com as pessoas nos diversos ambientes. O amor é um desses afetos e é entendido como um catalisador de bem-estar, que busca mobilizar outros afetos em busca do equilíbrio, ou seja, que aumenta a potência de agir dos indivíduos.

Ampliando essa visão, a partir das obras de Paulo Freire, a filósofa e educadora bell hooks contribui significativamente com a ideia de educação como prática da liberdade utilizando o amor como prática afetiva. hooks ressalta a importância da criação de espaços educacionais seguros e acolhedores, onde o afeto e a empatia são fundamentais para a construção de uma comunidade de aprendizagem. Isso porque, a educação deve ser um ato de amor que busca o equilíbrio, isto é, que capacita os estudantes a se envolverem criticamente com o mundo ao seu redor, promovendo não apenas a aquisição de conhecimento, mas também a transformação pessoal e social (hooks, 1994).

Todos esses conhecimentos de Freire, Spinoza, hooks e Noguera possuem convergências entre si e se complementam em diversas maneiras nessa co-produção de saberes sobre a prática docente. Esse entendimento dos afetos pode, portanto, contribuir para tais práticas pedagógicas que

busquem maximizar os afetos positivos, criando um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, inclusivo, em que há ação e comprometimento coletivo através da insistência e resistência.

Em síntese, integrar essas perspectivas no contexto da sala de aula em ação revela a importância de uma abordagem que valoriza o cuidado, o afeto e a criação de espaços democráticos e críticos. A prática docente, então, não deve se limitar à transmissão de conteúdo, mas deve também facilitar a construção de relações significativas e a co-criação de conhecimento, promovendo a liberdade e a transformação social. Quando os educadores são formados para atuar nesse paradigma, há o acolhimento do diverso e do plural por meio de ações conscientes e conscientizadoras que estimule a participação.

Referências:

AZEVEDO, H. J. C. C.; MEIRELLES, R. M. S. As teorias curriculares no ensino-aprendizagem em Biociências. In: Rosane Meirelles; Francisco Coelho. (Orgs.). ENSINO-APRENDIZAGEM EM BIOCIÊNCIAS E SAÚDE: teoria e prática na pesquisa. 1ed. Curitiba - PR: CRV, 2023, v. 1, p. 23-32.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Fac símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.

LEAL, C. Afecções e afetos em Spinoza. Sapere Aude, v. 13, n. 25, p. 359-369, 2022.

NOGUERA, R. Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro, HarperCollins Brasil, 2020.

SACRISTÁN, J. G. (2010). O que significa currículo? In J. G. Sacristán (Org.). Saberes e incertezas sobre o currículo (pp. 16-35). Porto Alegre, RS: Penso.

SPINK, M. J. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. São Paulo: Centro Edelstein, 2010.

Sobre a autora:

Stella Bezerra e Silva é mestranda na linha de Inclusão e Processos Educacionais pelo Proped/UERJ, Licenciada em Ciências Biológicas pela UERJ, professora de Ciências e Biologia.